

UMA VIAGEM PORTUGUÊSA À AMÉRICA, EM 1484-1485, PARA ASSENTAR AS BASES DE UM FUTURO ENTENDIMENTO COM OS REIS CA- TÓLICOS, QUANTO A DOMÍNIOS ULTRA- MARINOS

No livro intitulado *D. João II e Cristóbal Colón — Factores complementares na consecução de um mesmo objectivo*, Lisboa, 1951, mostramos como, depois da viagem em que Diogo Cão julgou haver atingido o extremo sul da África, D. João II entendeu ser necessário enviar Mestre José Vizinho às regiões centrais do Novo Mundo, para determinar, *in loco*, os dados geográficos que condicionariam o procedimento a seguir numa futura repartição de domínios ultramarinos com os Reis Católicos.

Mostramos também que, com Mestre José Vizinho, seguir Cristóbal Colón, talvez como navegante conhecedor das regiões ocidentais e porque êle seria o homem a quem caberia depois empenhar os soberanos espanhóis na "*empresá das Índias*".

As nossas conclusões, apoiando-se na lógica interpretação de circunstâncias coincidentes, careciam, no entanto, da prova definitiva e consagrada. Mas essa prova existe, e se não a inserimos no referido livro, foi porque ela só se patenteou ao nosso discernimento quando já era tarde para ali poder figurar.

Os planisférios de Cantino e de Canério confirmam o nosso acerto. Neles, uma só legenda particulariza o descobrimento das *Antilhas*, e nestas está incluída a *Flórida*, pois, se assim não fôsse, algo ali se veria a assinalar a diferenciação, como, aliás, acontece em outras regiões americanas representadas nos mesmos mapas.

Cabe, portanto, concluir que a denominação de *Antilhas*, forma aportuguesada e pluralizada de *Antilia*, abrange, em ambos os mapas, o conjunto de "*ylhas e terra fitme per costa*" a que se alude nas cartas régias passadas, em 1486, a favor de Fernão Dulmo e João Afonso do Estreito, quando êstes se propunham emprender o seu descobrimento oficial.

Segundo a referida legenda, — inscrita nos dois planisférios com a única diferença de que, no de Canério, se diz ser "*Collonbo*" genovês — as *Antilhas* foram "*descobertas por Colonbo almi-*

rante”, o que implica a atribuição do descobrimento da Flórida a este navegador. Ora se consideramos o fato de Colón nunca haver abordado, com navios espanhóis, o continente americano ao norte do atual Cabo de Honduras, torna-se patente que, se foi ele o descobridor da Flórida, tal descobrimento se efetuou antes da sua ida para Espanha e, forçosamente, com navios portugueses.

São demasiadamente conhecidas as diferentes acepções com que, então, se empregava o verbo *descobrir*, e descobridores eram tanto os que primeiro achavam as terras incógnitas como os que, depois, as percorriam em viagens de reconhecimento e exploração. Por isso, não é lícito afirmar que Cristóbal Colón tivesse sido o primeiro descobridor das Antilhas, mas o fato desta designação abranger, nos mapas citados, a região floridiana, constitui a prova indubitável de que ele percorreu tôdas essas paragens em navios portugueses.

De 1485 a 1492 mediava em lapso de tempo assaz curto para que se desvanecesse, na memória dos indígenas de *Haiti* e de *Cuba*, a lembrança dos europeus com quem haviam estado em contato. Os espanhóis não tardariam em sabê-lo, e o probo Bartolomeu de Las Casas poderia escrever que “*los primeros que fueron a descubrir y poblar la isla Española habían oído a los naturales que pocos años antes que llegasen habían aportado allí otros hombres blancos y barbados como ellos*”.

O homem que, nas vésperas de ir propor a “*empresã das Índias*” aos Reis Católicos, assistiu à entrevista em que Mestre José Vizinho deu conta a D. João II da latitude obtida nas “*Ilhas dos Ídolos*”, fôra indubitavelmente companheiro de viagem do sábio cosmógrafo. E as “*Ilhas dos Ídolos*”, neste caso, eram as *Antilhas*, porque destas — também ilhas de ídolos e de idólatras — é que aquêlê monarca precisaria de saber a exata localização.

À competência cosmográfica de Mestre José Vizinho, teria D. João II confiado a tarefa de obter os dados geográficos que permitiriam assegurar para Portugal o monopólio e a segurança do futuro tráfico marítimo euro-asiático, pois, do litígio diplomático surgido entre as côrtes de Portugal e de Espanha por causa dos domínios ultramarinos, transparece clara e nitidamente a justa idéia que, da geografia das *Antilhas* e das regiões continentais adjacentes, tinha o grande *Príncipe Perfeito*.

Para que a missão de Mestre José Vizinho correspondesse ao que dela se esperava, necessário seria percorrer a costa setentrional do continente sul-americano desde o Cabo de S. Roque até à ilha da *Trindade*; em seguida demandar-se-iam as ilhas de *Haiti* e de *Cuba*, trilhando uma rota marcada pela fieira das pequenas *Antilhas*; depois, rumando a Oeste, pelo sul da ilha de *Cuba*, e ao Norte, passada esta última, ir-se-ia deparar com a costa ocidental da *Península da Flórida*, que se circundaria e seguiria até, plausi-

velmente, à latitude de 32° norte. Daqui se regressaria a Portugal pela via dos Açores.

Numa viagem iniciada em fins de novembro de 1484, seria possível, a Mestre José Vizinho, demandar qualquer ponto da costa setentrional do Brasil com o favor e ajuda do alisado de Nordeste — que, em dezembro-janeiro, alcança o seu limite mais meridional — e com um rumo que o levasse a atravessar a zona das calmas equatoriais em lugar propício.

Isto poderá parecer irrisório, mas faremos notar que, êsse rumo ideal, se encontra traçado no planisfério de Cantino, cuja valia se deve julgar mais pelos fins discerníveis para que foi elaborado do que pela fidelidade — provadamente inexata — com que reproduz tudo quanto das terras ocidentais se sabia na côrte portuguesa em 1502.

O rumo mencionado é a linha que, passando entre as ilhas de *Tenerife* e da *Gran Canária*, e por sôbre *Santiago de Cabo Verde*, cruza a costa do Brasil um pouco a noroeste do *Cabo de S. Jorge*. Nas modernas cartas de navegação, a mesma linha passa umas sessenta milhas a leste do *Cabo de S. Roque*, o que nos leva a encarar a correspondente daquele planisfério como representação da rota direta pela qual se teria demandado, em época anterior a 1502 e forçosamente num dos meses em que ela era viável, o extremo nordeste do Brasil.

Depois de haver determinado a longitude do ponto em que o equador intercepta o litoral brasileiro, poderia o sábio cosmógrafo judeu encontrar-se na ilha de *Haiti* (futura *Espanhola*) em 11 de março de 1485, e, segundo Cristóbal Colón, nesta data calculava Mestre José Vizinho a latitude em uma das "*Ilhas dos Idolos*". Até ao último dia de abril, seguinte, teria tempo bastante para percorrer a *costa meridional de Cuba* e explorar a parte oeste da *Flórida*, desde, provavelmente, o *Cabo de S. Blas* até ao extremo sud-oriental da Península, o qual, nos citados mapas de Cantino e de Canêrio, figura com o nome de *Cabo do fim de Abril*.

A nomenclatura com que se assinalou o litoral floridiano nestes dois mapas, não pode deixar de lembrar o castelhano aporтуguesado dos escritos mais antigos de Cristóbal Colón. Aparte alguns topônimos evidentemente estropiados por inexpertos copistas, ali se vê um *rio de dô Diego*, que forçosamente nos sugere uma possível relação com os vários homônimos da família do futuro *Almirante del Mar Océano*, e um *rio de lo Largartos*, que nos recorda alguns dos defeitos sintáticos notados naqueles escritos.

O primeiro descobrimento das ilhas e terras ocidentais efetuou-se, obviamente, em época bastante anterior a 1492, e, pelo que nos prescreve a lógica correlação de todos os dados em causa, a digressão ultramarina de Mestre José Vizinho, em 1484/1485, não teve outro fim senão o de se inteirar da justa configuração e localização geográfica de regiões americanas já conhecidas.

No célebre globo executado pelo alemão Martim Behaim em 1492, a lendária *Antília* ou *Ilha das Sete Cidades*, situa-se no paralelo das *Canárias* e, por conseguinte, em latitude correspondente à da *Flórida*. Trata-se, é verdade, de uma única ilha, mas da mesma que, para o referido Martim Behaim, — pois seria êle o “*cavalleiro alemam*” designado como companheiro de Fernão Dulmo e de João Afonso do Estreito na sua projetada e já aludida viagem de descobrimento — poderia também surgir sob o aspecto múltiplo de “*ylhas e terra firme*”.

A verificar-se esta última particularidade, a primitiva denominação da *Flórida* — *Antília* — tomaria, em bôcas portuguesas, a forma pluralizada de *Antilhas*, como no-lo patenteiam os mapas mencionados.

Por êste outro modo se demonstra que, o nome de *Antilhas*, se applicava a todo o conjunto de “*ylhas e terra firme per costa*” que se presumia ser a *Antília*, confirmando-se, portanto, o expressivo significado das legendas a que anteriormente nos referimos.

Da viagem de Cristóbal Colón e Mestre José Vizinho, citada, algum rumor teria chegado aos ouvidos de Fernão Dulmo, e como à circunstância de tal viagem constituir um rigoroso segredo official se juntava a da ida de Colón para Castela, pensou ser possível instalar-se nas terras de que tivera concreta noticia e que — como já fizemos notar — se localizavam a oeste das *Canárias*.

No entanto, D. João II, que, para disfarçar uma politica só conhecida de poucos, autorizara a viagem de Dulmo e dos seus propostos acompanhantes, teria o cuidado de a impedir sem que, de tal coisa, ninguém se apercebesse. E a verdade é que essa viagem nunca se efetuou, porquanto, em 18 de junho de 1487, três meses depois da data fixada para o seu início, ainda Fernão Dulmo se encontrava na *Terceira*. Nesta última ocasião via-se êle compelido a pleitear o capitão da *vila da Praia*, por êste o haver esbulhado da capitania das *Quatro Ribeiras*.

Se consideramos que, em obediência aos ditames da politica ultramarina de D. João II, Cristóbal Colón se esforçava, desde o segundo semestre de 1485, por empenhar os Reis Católicos na “*empresã das Índias*”, seremos obrigados a conjecturar que algo surgiria a empecer a projetada viagem de Fernão Dulmo. Por isso, inútil é buscar ou apresentar resultados de um empreendimento cabalmente desmentido pelo citado globo de Martin Behaim, pois, sendo êste o indigitado companheiro de Dulmo e de João Afonso do Estreito, em 1492 ainda desconhecia a geografia das regiões que, com êles, se propunha visitar e explorar.

Ora, ao contrário de Behaim, D. João II tinha uma noção perfeita dessa geografia. Logo após a primeira viagem espanhola de Cristóbal Colón às “*Índias occidentais*”, e para conseguir um entendimento definitivo com os Reis Católicos, quanto a domínios ultramarinos, afirmava, peremptoriamente, serem suas as ilhas a que

os navios espanhóis haviam aportado, porque, dizia êle, essas ilhas situavam-se ao sul do paralelo das *Canárias*. e, portanto, dentro da área dos seus domínios.

Como poderia D. João II afirmar tal coisa, se antes não a tivesse mandado averiguar?! — Sem um prévio e necessário conhecimento da geografia das *Antilhas e das regiões continentais adjacentes*, como poderia êle pugnar pelo domínio do espaço atlântico onde se situavam as únicas rotas marítimas da Ásia?!

A viagem de Cristóbal Colón e Mestre José Vizinho às regiões centrais do Novo Mundo, em 1484/1485, é um fato indubitável. Negá-la, seria negar a própria evidência.

ALEXANDRE GASPAR DA NAIA